



Alexandra Kolontai

## A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL

expressão  
POPULAR

1

### a mulher moderna

Quem são as mulheres modernas? Como as criou a vida?

A mulher moderna, a mulher que denominamos celibatária, é filha do sistema econômico do grande capitalismo. A mulher celibatária, não como tipo acidental, mas uma realidade cotidiana, uma realidade da massa, um fato que se repete de forma determinada, nasceu com o ruído infernal das máquinas da usina e da sirene das fábricas. A imensa transformação que sofreram as condições de produção no transcurso dos últimos anos, inclusive depois da influência das constantes vitórias da produção do grande capitalismo, obrigou também a mulher a adaptar-se às novas condições criadas pela realidade que a envolve. O tipo fundamental da mulher está em relação direta com o grau histórico do desenvolvimento

econômico por que atravessa a humanidade. Ao mesmo tempo que se experimenta uma transformação das condições econômicas, simultaneamente à evolução das relações da produção, experimenta-se a mudança no aspecto psicológico da mulher. A mulher moderna, como tipo, não poderia aparecer a não ser com o aumento quantitativo da força de trabalho feminino assalariado. Há cinquenta anos, considerava-se a participação da mulher na vida econômica como desvio do normal, como infração da ordem natural das coisas. As mentalidades mais avançadas, os próprios socialistas buscavam os meios adequados para que a mulher voltasse ao lar. Hoje em dia, somente os reacionários, encerrados em preconceitos e na mais sombria ignorância, são capazes de repetir essas opiniões abandonadas e ultrapassadas há muito tempo.

Há cinquenta anos, as nações civilizadas não contavam nas fileiras da população ativa com mais do que algumas dezenas, ou mesmo algumas centenas de milhares de mulheres. Atualmente o crescimento da população trabalhadora feminina é superior ao crescimento da população masculina. Os povos civilizados dispõem não de centenas de milhares, mas sim de milhões de braços femininos. Milhões de mulheres pertencem às fileiras proletárias; milhares de mulheres têm uma profissão, consagram suas vidas à ciência ou à arte. Na Europa e nos Estados Unidos as estatísticas acusam mais de sessenta milhões de mulheres inscritas na classe trabalhadora. Marcha grandiosa a desse exército independente de mulheres! 50% desse exército é constituído por mulheres do tipo celibatário, isto é, por mulheres que na luta pela subsistência contam apenas com suas próprias for-

ças; de mulheres que não podem, segundo a tradição, viver unicamente dependendo de um marido que as mantenha.

As relações de produção, que durante tantos séculos mantiveram a mulher trancada em casa e submetida ao marido, que a sustentava, são as mesmas que, ao arrancar as correntes enferrujadas que a aprisionavam, impelem a mulher frágil e inadaptada à luta do cotidiano e a submetem à dependência econômica do capital. A mulher ameaçada de perder toda a assistência, diante do temor de padecer privações e fome, vê-se obrigada a aprender a se manter sozinha, sem o apoio do pai ou do marido. A mulher defronta-se com o problema de adaptar-se rapidamente às novas condições de sua existência, e tem que rever imediatamente as verdades morais que herdou de suas avós. Dá-se conta, com assombro, de toda inutilidade do equipamento moral com que a educaram para percorrer o caminho da vida. As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedade exclusiva do homem. Privada da proteção que até então lhe prestara a família ao passar do aconchego do lar para a batalha da vida e da luta de classes, a mulher não tem outro remédio senão armar-se, fortificar-se, rapidamente, com as forças psicológicas próprias do homem, de seu companheiro, que sempre está em melhores condições para vencer a luta pela vida. Nesta urgência em adaptar-

se às novas condições de sua existência, a mulher se apodera e assimila as verdades, propriamente masculinas, freqüentemente sem submetê-las a nenhuma crítica, e que, se examinadas mais detalhadamente, são apenas verdades para a classe burguesa.<sup>1</sup>

A realidade capitalista contemporânea parece esforçar-se em criar um tipo de mulher que, pela formação de seu espírito, se encontra incomparavelmente mais próxima do homem do que da mulher do passado. Este tipo de mulher é uma consequência natural e inevitável da participação da mulher na corrente da vida econômica e social. O mundo capitalista só recebe as mulheres que souberam desprezar, a tempo, as virtudes femininas e que assimilaram a filosofia da luta pela vida. Para as inadaptadas, isto é, para aquelas mulheres pertencentes ao tipo antigo, não há lugar nas fileiras das hostes trabalhadoras. Cria-se desta forma, uma espécie de seleção natural entre as mulheres das diversas camadas sociais. As fileiras das trabalhadoras são sempre formadas pelas mais fortes e resistentes, pelas mulheres de espírito mais disciplinado. As de natureza frágil e passiva continuam

<sup>1</sup> Tomemos como exemplo a moral simplista do homem em suas relações sexuais, moral que considera como um fato natural e inevitável... a prostituição. Dora, a heroína de vanguarda da novela de Winitchenco, *A Autolealdade*, é uma mulher que se sente interiormente livre e que assimila sem submeter à crítica essa verdade masculina do mundo burguês. Com uma finalidade superior, para demonstrar a profundidade de seu sentimento pelo homem que ama, para afirmar sua personalidade e evidenciar quão separados estão seus sentimentos de uma simples agitação sangüínea, Dora compra um homem... A falsa veracidade masculina de classe é aceita neste caso por uma mulher que aspira a libertar-se, buscando uma verdade superior.

fortemente vinculadas ao lar. Se as necessidades materiais as arrancam do lar para lançá-las na tormenta da vida, estas mulheres deixam-se levar pelo caminho fácil da prostituição legal ou ilegal, casam-se por conveniência ou lançam-se à rua. As mulheres trabalhadoras constituem a vanguarda de todas as mulheres e integram em suas fileiras representantes das diversas camadas sociais. Entretanto, a imensa maioria dessa vanguarda feminina não se constitui de mulheres do tipo de Vera Niokdinovna, orgulhosas da sua independência, mas, por milhões de Matildes envoltas em xales cinzentos, Tatianas, de Riasan, com os pés descalços, empurradas pela miséria a novos caminhos.<sup>2</sup> É um profundo erro pensar, no entanto, que o novo tipo de mulher, a celibatária, é fruto de esforços heróicos de algumas individualidades fortes que tomaram consciência de sua própria personalidade. Nem a vontade própria, nem o exemplo audacioso de Magda, nem o da decidida Renata foram capazes de criar o novo tipo de mulher. A transformação da mentalidade da mulher, de sua estrutura interior, espiritual e sentimental, realizou-se primeiro e, principalmente, nas camadas mais profundas da sociedade, ou seja, onde se produz necessariamente a adaptação ao trabalho, nas condições radicalmente transformadas de sua existência.

Estas mulheres, as Matildes e as Tatianas, não resolvem nenhum problema. Além disso, ainda tentam agarrar-se com todas as suas forças ao passado. Com muito pesar se vêem obrigadas a curvar-se diante das leis da necessidade histórica – as forças de produção – e a dar os

<sup>2</sup> Ver capítulo *A nova mulher na literatura*.

primeiros passos pelo novo caminho. Caminham ao acaso, dominadas pela tristeza, amaldiçoando seus passos e acariciando em seu interior o sonho de um lar, onde possam desfrutar de tranqüilas e modestas alegrias. Ah, se fosse possível abandonar o caminho, voltar atrás. Mas, isto é irrealizável, pois os grupos de companheiras são cada vez mais densos e a corrente as empurra cada vez para mais longe do passado. É preciso adaptar-se à angustiante falta de espaço, preparar-se para a luta, ocupar o lugar correspondente a cada uma; têm que defender o direito de viver.

A mulher da classe operária contempla como nasce e se fortalece dentro de si a consciência de sua independente individualidade. Tem fé em suas próprias forças. Gradualmente, de forma inevitável e poderosa, desenvolve-se o processo de acumulação de novos caracteres morais e espirituais da mulher operária, caracteres que lhe são indispensáveis como representantes de uma classe determinada. Há, porém, algo ainda mais essencial; é que esse processo de transformação da estrutura interior da mulher não se reduz unicamente a personalidades, mas corresponde a grandes massas, a círculos muito grandes, cada vez maiores. A vontade individual submerge e desaparece no esforço coletivo de milhões de mulheres da classe operária, para adaptar-se às novas condições da vida. Também nesta transformação desenvolve o capitalismo uma grande atividade. Ao arrancar do lar, do berço, milhares de mulheres, o capitalismo converte essas mulheres submissas e passivas, escravas obedientes dos maridos, num exército que luta pelos seus próprios direitos e pelos direitos e interesses da comunidade hu-

mana. Desperta o espírito de protesto e educa a vontade. Tudo isto contribui para que se desenvolva e fortaleça a individualidade da mulher.

Mas, desgraçada da operária, que crê na força invencível de uma individualidade isolada. A pesada carga do capitalismo a esmagará, friamente, sem piedade. As fileiras de mulheres combatentes constituem a única força capaz de desviar de seu caminho a pesada carga do capitalismo. Deste modo, ao mesmo tempo que se desenvolve a consciência de sua personalidade e de seus direitos, nasce e evolui na mulher operária do novo tipo o sentimento da coletividade, o sentimento do companheirismo, que só se encontra, e muito levemente, na mulher do novo tipo pertencente a outras classes sociais. Este é o sentimento fundamental, a esfera de sensações e pensamentos que separa com uma linha divisória definitiva as trabalhadoras das mulheres burguesas, pertencentes ao mesmo tipo celibatário. Nas mulheres do novo tipo, mas pertencentes às distintas classes, é comum a distinção qualitativa das mulheres do passado. Como parte integrante das hostes de mulheres trabalhadoras, sua estrutura interior experimentou igual transformação, ou seja, logrou desenvolver sua inteligência, reforçar sua personalidade e ampliar seu mundo espiritual. A esfera, porém, de pensamentos e sentimentos, que derivam do conceito de classe, são os que separam, fundamentalmente, as mulheres do novo tipo pertencentes às diversas camadas sociais. As operárias sentem o antagonismo de classe com uma intensidade infinitamente maior que as mulheres do tipo antigo, que não tinham consciência da luta social. Para a operária, que deixou sua casa, que ex-

perimentou sobre si mesma toda a força das contradições sociais e que se viu obrigada a participar ativamente na luta de classes, uma ideologia de classe, clara e definida, adquire a importância de uma arma na luta pela existência. A realidade capitalista separa de maneira absoluta a Tatiana, de Gorki, da Tatiana de Nagrodskaja. É esta realidade capitalista que leva a proprietária de uma oficina a encontrar-se, por sua ideologia, muito mais separada de uma de suas operárias do que a boa dona de casa com relação a sua vizinha, a mulher de um operário. Esta realidade capitalista torna aguda a sensação do antagonismo social entre as mulheres trabalhadoras. Para esta categoria de mulheres do novo tipo só pode haver um ponto comum: sua distinção qualitativa da mulher do passado, as propriedades específicas que caracterizam a mulher independente, do tipo que temos denominado celibatário. As mulheres do novo tipo, pertencentes a estas duas classes sociais, passam por um período de antagonismo: as duas classes lutam pela afirmação de sua personalidade; as de uma classe, conscientemente, por princípio, as da outra classe, de forma elementar, coletiva, sob o jugo do inevitável.

Mesmo, porém, que na nova mulher pertencente à classe operária a luta pela afirmação de seu direito e de sua personalidade coincida com os interesses de sua classe, as mulheres do novo tipo pertencentes a outras classes sociais têm necessariamente que se defrontar com um obstáculo: a ideologia de sua classe, que é hostil à reeducação do tipo de mulher. No meio burguês, a insurreição da mulher adquire um caráter muito mais agudo e os dramas morais da mulher do novo tipo são muito mais vivos,

têm mais colorido, oferecem maiores complicações.<sup>3</sup> No meio operário, não há nem podem existir conflitos agudos entre a psicologia da mulher do novo tipo, em formação, e a ideologia de sua classe. Tanto sua psicologia em formação como sua ideologia de classe encontram-se em um processo de formação, em fase de desenvolvimento.

O novo tipo da mulher, que é interiormente livre e independente, corresponde, plenamente, à moral que elabora o meio operário no interesse de sua própria classe. A classe operária necessita, para a realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas. Não quer mulheres sem personalidade, no matrimônio e no seio da família, nem mulheres que possuam as virtudes femininas – passividade e submissão. Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda servidão, que possam ser consideradas como um membro ativo, em pleno exercício de seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam à coletividade e à sua classe.

A psicologia da mulher do novo tipo, da mulher independente e celibatária, reflete sobre a das demais mulheres que permanecem ainda na retaguarda em relação a seu tempo. Os traços característicos, formados na luta pela vida, das trabalhadoras convertem-se pouco a pouco, gradativamente, nas características das outras mulhe-

<sup>3</sup> Isto explica porque os romancistas contemporâneos elegem suas heroínas entre as mulheres representantes do meio burguês. Apenas encontramos uma heroína pertencente à classe operária. Entretanto, os escritores encontrariam um rico material se decidissem descer até estas camadas da sociedade, onde a dura realidade contemporânea cria, não isoladamente, mas em massa, o tipo de mulheres dotadas de uma nova estrutura moral, com novas necessidades e emoções.

res que ficaram atrasadas. Pouco importa que as mulheres trabalhadoras sejam apenas minoria, que para cada mulher do novo tipo haja duas, talvez três mulheres pertencentes ao tipo antigo. As mulheres trabalhadoras são as que dão tom à vida e determinam a figura de mulher que caracteriza uma época determinada.

As mulheres do novo tipo, ao criar os valores morais e sexuais, destroem os velhos princípios na alma das mulheres que ainda não se aventuraram a empreender a marcha pelo novo caminho. São estas mulheres do novo tipo que rompem com os dogmas que as escravizavam.

A influência das mulheres trabalhadoras estende-se muito além dos limites de sua própria existência. As mulheres trabalhadoras contaminam com sua crítica a inteligência de suas contemporâneas, destroem os velhos ídolos e hasteiam o estandarte da insurreição para protestar contra as verdades que as submeteram durante gerações. As mulheres do novo tipo, celibatário e independente, ao se libertarem, libertam o espírito agrilhado, durante séculos, de outras mulheres ainda submissas.

É certo que a mulher do novo tipo já penetrou na literatura. Mas está ainda muito longe de haver expulsado as heroínas de estrutura moral pertencentes aos tempos passados. Tampouco conseguiu a mulher-individualidade descartar-se do tipo de mulher esposa, eco do homem. Entretanto, é fácil observar que ainda nas heroínas do tipo antigo se encontram, cada vez com maior frequência, as propriedades e os traços psicológicos que possibilitaram a vida das mulheres do tipo celibatário e independente. Os escritores dotam involuntariamente suas heroínas com sentimentos e características que não eram, de modo al-

gum, próprios das heroínas da literatura do período precedente.<sup>4</sup>

A literatura contemporânea é rica, sobretudo, em figuras de mulheres do tipo transitório. É rica em heroínas que têm simultaneamente as características da mulher antiga e da mulher nova. Por outro lado, ainda nas mulheres do tipo celibatário já formado, observa-se um processo de transformação dos novos valores, que podem ser abafados pela tradição e por uma série de pensamentos superados. A força dos séculos é demasiado grande e pesa muito sobre a alma da mulher do novo tipo. Os sentimentos atávicos perturbam e debilitam as novas sensações. As velhas concepções da vida prendem ainda o espírito da mulher que busca sua libertação. O antigo e o novo se encontram em contínua hostilidade na alma da mulher. Logo, as heroínas contemporâneas têm que lutar contra um inimigo que apresenta duas frentes: o mundo exterior e suas próprias tendências, herdadas de suas mães e avós.

Como disse Hedwig Dohn, "os novos pensamentos já nasceram em nós, mas os antigos ainda não morreram. Os restos das gerações passadas não perderam sua força, ainda que possuamos a formação intelectual, a força de vontade da mulher do novo tipo." A reeducação da psicologia da mulher, necessária às novas condições de sua

<sup>4</sup> Os traços psicológicos isolados, característicos da nova mulher, se encontram nas heroínas de Gorki muito mais frequentemente do que nos outros escritores russos. Sua alma sensível de artista, aberta à realidade futura, sabe apoderar-se com muito mais facilidade do que a dos outros escritores, dos traços que escapam aos olhos dos demais e que se encontram mais estreitamente ligados à realidade capitalista.

Alexandra Kolontai

vida econômica e social, não pode ser realizada sem luta. Cada passo dado nesse sentido provoca conflitos, que eram completamente desconhecidos das heroínas antigas. São esses conflitos que inundam a alma da mulher, os que pouco a pouco chamam a atenção dos escritores e acabam por converter-se em manancial de inspiração artística. A mulher transforma-se gradativamente. E de objeto da tragédia masculina converte-se em sujeito de sua própria tragédia.

## 2

### o amor e a nova moral

Nos anos de 1910 e 1911, período durante o qual diminuiu na Rússia o interesse pelos problemas sexuais, apareceu na Alemanha um estudo psico-sociológico de Grete Meisel-Hess sobre a crise sexual, livro que não foi um êxito público. O romance de Karin Michaelis, *A Idade Perigosa*, publicado pouco depois, livro que carece de grande valor artístico e cuja audácia não vai além dos limites permitidos pelas conveniências de bom tom literário, relegou a segundo plano, com o seu imerecido êxito, a obra de Meisel-Hess.<sup>5</sup> Foi qualificado pela crítica como “um livro bem escrito, mas sem nenhum valor científico.” Unicamente entre as altas rodas intelectuais, en-

<sup>5</sup> Grete Meisel-Hess - *A crise sexual*.

tre a nata da sociedade alemã, este livro foi saudado com aplausos por alguns e com mostras de desagrado e indignação por outros, sorte comum a todo sincero investigador da verdade.

O fato de que o livro de Meisel-Hess careça de uma série de qualidades científicas, o fato de que se possa reprovar a falta de método e análise, o fato de que não siga um procedimento sistemático, e que seu pensamento seja em alguns momentos inseguro e sinuoso, e que repita coisas já expostas, não pode diminuir de modo algum o valor desse trabalho.

Um hálito de frescor se desprende do livro. A investigação da verdade enche as páginas vivas e apaixonadas desta exposição, na qual se reflete uma vibrante alma de mulher, que conhece perfeitamente a vida. Os pensamentos de Meisel-Hess não são novos, flutuam no ambiente, enchem e saturam toda a nossa atmosfera moral.

Os problemas que Meisel examina nos são conhecidos. Todos nós temos meditado sobre eles, vivêmo-los em toda a sua dor. Não há nenhuma pessoa que depois de refletir sobre esse problema não haja chegado por um caminho ou por outro, às conclusões gravadas nas páginas do livro *A Crise Sexual*. Mas, fiéis à hipocrisia que nos domina, continuamos adorando publicamente o velho ídolo: a moral burguesa. O mérito de Meisel-Hess é semelhante ao do menino do conto de Andersen. Meisel-Hess atreveu-se a gritar à sociedade “que o rei está nu”, ou seja, que a moral sexual contemporânea não passa de uma vã ficção.

Com efeito, as normas morais que regulam a vida sexual do homem não podem ter mais do que duas finalidades, dois objetivos. Primeiro, assegurar à humanidade

uma descendência sã, normalmente desenvolvida: contribuir para a seleção natural no interesse da espécie. Segundo, contribuir para o desenvolvimento da psicologia humana, enriquecê-la com sentimentos de solidariedade, de companheirismo, de coletividade. A moral sexual atual, como moral que serve unicamente aos interesses da propriedade, não preenche nenhuma destas duas finalidades. Todo o código complicado da moral sexual contemporânea, com o matrimônio monogâmico indissolúvel, que raras vezes está baseado no amor, e a instituição da prostituição, tão difundida e organizada, não só não contribui para o saneamento e o melhoramento da espécie, como produz efeitos contraditórios, ou seja, favorece a seleção natural em sentido inverso. A moral contemporânea não faz mais do que conduzir a humanidade pelo caminho da degenerescência ininterrupta.

Os matrimônios tardios, a esterilidade forçada nos períodos mais favoráveis para a concepção, o recurso da prostituição completamente inútil do ponto de vista do interesse da espécie, a ausência de um fator tão importante como o êxtase amoroso nos matrimônios convencionais, no matrimônio legal e indissolúvel; o fato de que os modelos femininos mais formosos, os mais capacitados para provocar as emoções eróticas dos homens fiquem reduzidos à esterilidade da prostituição; a condenação à morte que pesa sobre os filhos do amor, produtos ilegais da espécie, freqüentemente os mais valiosos por serem os mais sãos e vigorosos, tudo isto é resultado direto da moral corrente, resultado que conduz irremediavelmente à realidade, decadência e degenerescência física e moral da humanidade.



O propósito de Meisel-Hess, de harmonizar a moral sexual e o objetivo da higiene da espécie, merece uma grande atenção e deve interessar principalmente aos partidários da concepção materialista da história. A defesa da jovem geração trabalhadora, a proteção da maternidade, da infância, a luta contra a prostituição e outras reivindicações dos programas socialistas contêm, no essencial, a higiene da espécie na sua mais ampla acepção. Tirar da moral sexual a auréola do inviolável imperativo categórico, harmonizar a moral sexual com as necessidades vitais e práticas e com as exigências da vanguarda da humanidade, é a tarefa que deve figurar na ordem do dia e que requer forçosamente a atenção reflexiva e consciente de todos os programas socialistas.

Por muito valiosos que sejam os pensamentos de Meisel-Hess sobre essa questão, ultrapassaríamos indubitavelmente os limites do ensaio se nos dedicássemos a analisar detalhadamente esta parte do livro. Portanto, somente examinaremos, aqui, a segunda parte do problema sexual. Unicamente estudaremos as respostas, não menos valiosas e interessantes de Meisel-Hess à segunda pergunta: atingem seus fins as formas atuais da moral sexual? Ou seja, contribuem para desenvolver no homem sentimentos de solidariedade, de companheirismo e conseqüentemente para o enriquecimento da psicologia humana?

Depois de submeter a uma análise sistemática as três formas fundamentais da união entre os sexos, o matrimônio legal, a livre união e a prostituição, Meisel-Hess chega a uma conclusão pessimista, porém inevitável, de que no mundo capitalista todas essas formas, tanto umas

como outras, marcam e deformam a alma humana e contribuem para a perda de qualquer esperança de se conseguir uma felicidade sólida e duradoura, numa comunidade de almas profundamente humanas: no estado invariável e estagnado da psicologia contemporânea não há solução possível para a crise sexual.

Somente uma transformação fundamental da psicologia humana poderá transpor a porta proibida, somente o enriquecimento da psicologia humana no potencial do amor pode transformar as relações entre os sexos e convertê-las em relações impregnadas de verdadeiro amor, dotadas de uma afinidade real, em uniões sexuais que nos tornem felizes. Porém, uma transformação desse gênero exige inevitavelmente a transformação fundamental das relações econômico-sociais: isto é, exige o estabelecimento do regime comunista.

Quais são os defeitos fundamentais, as partes sombrias do matrimônio legal? O matrimônio legal está fundado em dois princípios igualmente falsos: a indissolubilidade, por um lado, e o conceito de propriedade, da posse absoluta de um dos cônjuges pelo outro.

A indissolubilidade do matrimônio legal está baseada numa concepção contrária a toda ciência psicológica; na invariabilidade da psicologia humana no transcurso de uma longa vida. A moral contemporânea obriga o homem a encontrar sua felicidade a qualquer preço e, ao mesmo tempo, exige dele que descubra esta felicidade na primeira tentativa, sem equivocar-se nunca. A moral contemporânea não admite que o homem se equivoque na sua escolha entre milhares de seres que o cercam. Necessariamente o homem tem que encontrar uma alma que se harmoni-

ze com a sua, um segundo único eu que o fará feliz no casamento. Quando um ser humano se equivoca na sua escolha, principalmente se o ser que vacila e se perde na busca do ideal é uma mulher, a sociedade, tão exigente e deformada pela moral contemporânea, não o acode. Pouco importa à sociedade que a alma e o coração de uma mulher que se equivoca, se destrocem no fragor das decepções. Não a ajudará, mas, ao contrário, a perseguirá com fúria vingativa para, inexoravelmente, condená-la.

A delicada flor da moral sexual é uma felicidade adquirida à custa da escravidão da mulher à sociedade. Uma leal separação do casal é considerada pela atual sociedade, interessada unicamente na idéia da propriedade e não nos destinos da espécie, nem sequer na felicidade individual, como a ofensa maior que se lhe pode infligir. Entretanto, nada mais certo, observa com grande tristeza Meisel-Hess, do que a semelhança entre o matrimônio e uma casa habitada. Suas más condições só são descobertas após habitá-la por algum tempo. "Se nos vemos obrigados a mudar freqüentemente de casas sem conforto e pouco apropriadas a nossas necessidades, sentimo-nos como perseguidos pela má estrela. Mas, indiscutivelmente, a situação se torna muito mais terrível se a necessidade nos obriga a viver todo o resto da existência em péssimas condições". "A transformação das uniões amorosas no curso da vida humana" – continua Meisel-Hess – "e durante o processo de evolução de uma individualidade é um fato que terá que ser reconhecido pela sociedade futura como algo normal e inevitável."

"A indissolubilidade do matrimônio legal é ainda mais absurda se se leva em conta que a maioria dos casamen-

tos se realizam às cegas, isto é, as duas partes, o homem e a mulher, só têm uma idéia confusa uma da outra. Não é apenas o fato de que um dos cônjuges desconheça completamente a natureza psicológica do outro, mas algo muito mais grave. Os esposos ignoram, ao contrair o matrimônio legal, que será indissolúvel, se existe entre eles uma afinidade física, harmonia sem a qual não é possível a felicidade.

As noites de provas, praticadas com tanta freqüência na Idade Média, diz Meisel-Hess, não são de modo algum uma absurda indecência. Praticadas em outras condições e tendo como finalidade o interesse da espécie e consideradas um meio de assegurar a felicidade individual, poderiam, inclusive, conquistar direito à cidadania.

O segundo fator que envenena o matrimônio legal é a idéia de propriedade, de posse absoluta de um dos cônjuges pelo outro. Não pode haver, na realidade, um contra-senso maior. Dois seres, cujas almas só têm raros pontos de contato, têm necessariamente que adaptar-se um ao outro, em todos os diversos aspectos de seu múltiplo eu. O absolutismo da posse encerra, irremediavelmente, a presença contínua desses dois seres, associação que é tão doentia para um como para outro. A idéia da posse não deixa livre o eu, não há momento de solidão para a própria vontade e, se a isto se acrescenta a coação exercida pela dependência econômica, já não fica nem sequer um pequeno recanto próprio. A presença contínua, as exigências inevitáveis que se fazem ao objeto possuído são a causa de como um ardente amor se transforma em indiferença, essa terrível indiferença que leva dentro de si raciocínios insuportáveis e mesquinhos. Com efeito: te-

mos necessariamente que estar de acordo com Meisel-Hess quando diz que uma vida em comum demasiado limitada é a causa principal que faz murchar a delicada flor primaveril do mais puro entusiasmo amoroso. Quantas precauções uma alma deve ter com a outra, que imensas reservas de afetuoso calor são necessárias para que se possa colher, já no outono, os frutos saborosos de uma profunda e indissolúvel adesão entre duas pessoas!

Não é só isso. Os fatores de indissolubilidade e propriedade, fundamentos do matrimônio legal, exercem um efeito nocivo sobre a alma humana. Estes dois fatores exigem poucos esforços psíquicos para conservar o amor de um companheiro de vida, porquanto se está ligado a ele, indissolúvelmente, por correntes exteriores. A forma atual do matrimônio legal não faz, portanto, mais que empobrecer o espírito e não contribui de modo algum para a acumulação na humanidade de reservas desse grande amor que foi a profunda nostalgia de toda a vida do gênio russo Tolstói.

Deforma-se, ainda mais, a psicologia humana com outro aspecto da união sexual: a prostituição.

Pode haver algo mais monstruoso do que o fato amoroso degradado até ao ponto de se fazer dele uma profissão?

Deixemos de lado todas as misérias sociais que vêm unidas à prostituição, os sofrimentos físicos, as enfermidades, as deformações e a degenerescência da raça, e detenhamo-nos somente ante a questão da influência que a prostituição exerce sobre a psicologia humana. Não há nada que prejudique tanto as almas como a venda forçada e a compra de carícias de um ser por outro com que

não tem nada em comum. A prostituição extingue o amor nos corações.

A prostituição deforma as idéias normais dos homens, empobrece e envenena o espírito. Rouba o que é mais valioso nos seres humanos, a capacidade de sentir apaixonadamente o amor, essa paixão que enriquece a personalidade pela entrega dos sentimentos vividos. A prostituição deforma todas as noções que nos levam a considerar o ato sexual como um dos fatores essenciais da vida humana, como o acorde final de múltiplas sensações físicas, levando-nos a estimá-lo, em troca, como um ato vergonhoso, baixo e grosseiramente bestial. A vida psicológica das sensações na compra de carícias tem repercussões que podem produzir conseqüências muito graves na psicologia masculina. O homem acostumado à prostituição, relação sexual na qual estão ausentes os fatores psíquicos, capazes de enobrecer o verdadeiro êxtase erótico, adquire o hábito de se aproximar da mulher com desejos reduzidos, com uma psicologia simplista e desprovida de tonalidades. Acostumado com as carícias submissas e forçadas, nem sequer tenta compreender a múltipla atividade a que se entrega a mulher amada durante o ato sexual. Esse tipo de homem não pode perceber os sentimentos que desperta na alma da mulher. É incapaz de captar seus múltiplos matizes. Muitos dos dramas têm como causa essa psicologia simplista com que o homem se aproxima da mulher, e que foi engendrada pelas casas de lenocínio. A prostituição estende, de modo inevitável, suas asas sombrias tanto sobre a cabeça da mulher livremente amada como sobre a esposa ingênua e amorosa e sobre a amante intuitivamente exigente. A prostituição

envenena implacavelmente a felicidade do amor das mulheres que buscam no ato sexual o desfecho de uma paixão correspondida, harmoniosa e onipotente.<sup>6</sup>

A mulher normal busca no ato sexual a plenitude e a harmonia. O homem, pelo contrário, formado como está na prostituição, que extermina a múltipla vibração das sensações do amor, entrega-se apenas a um pálido e uniforme desejo físico que deixa em ambas as partes, insatisfação e fome psíquica. A incompreensão mútua cresce quanto mais desenvolvida está a individualidade da mulher quanto maiores são suas exigências psíquicas, o que traz como resultado uma grave crise sexual. Portanto, a prostituição é perigosa, pois sua influência se estende muito além de seu próprio domínio.

Meisel-Hess diz:

“Deixando de lado a questão da degenerescência fisiológica da humanidade, as enfermidades venéreas, o empobrecimento físico da espécie, levaremos em conta ainda

<sup>6</sup> Convém assinalar que as considerações expostas por Meisel-Hess sobre a deformação da psicologia masculina, dão a chave de outro problema que até agora havia permanecido obscuro. O pouco costume que os homens têm de levar em consideração a psicologia feminina - a incapacidade para compreender seus sentimentos - não somente os conduz a não prestar a menor atenção à alma da mulher, como vai ainda muito mais além: conduz os homens a ignorar totalmente, com a mais surpreendente ignorância, as sensações fisiológicas da mulher durante o ato mais íntimo de suas relações. Os médicos sabem, a insatisfação das mulheres no ato sexual provoca, freqüentemente, doenças nervosas. É surpreendente que a literatura impregnada pela psicologia masculina haja deixado passar em silêncio este fato que explica toda uma série de dramas familiares e de amor. Quando Maupassant se atreve a abordar a questão na novela “Uma Vida”, sua “revelação” provoca uma ingênua surpresa na maioria dos homens.

outro fator psicológico que obscurece os impulsos morais, mancha e deforma o sentimento erótico e impede que o homem e a mulher se compreendam cada vez menos e não saibam gozar sem se enganar mutuamente.”

A terceira forma das relações sexuais, a união livre, traz dentro de si, também, muitos aspectos igualmente sombrios. As imperfeições dessa forma sexual são de um caráter reflexo: o homem de nossa época vê a união livre com uma psicologia já deformada por uma moral falsa e doentia, fruto do matrimônio legal, por um lado, e do lúgubre abismo da prostituição, por outro. O amor livre choca-se com dois obstáculos inevitáveis: a incapacidade para sentir o amor verdadeiro, essência do nosso mundo individualista, e a falta de tempo indispensável para entregar-se aos verdadeiros prazeres morais. O homem atual não tem tempo para amar. Nossa sociedade, fundada sobre o princípio da concorrência, sobre a luta, cada vez mais dura e implacável, pela subsistência, para conquistar um pedaço de pão, um salário ou um ofício, não deixa lugar ao culto do amor. A pobre Aspásia esperará, inutilmente, nos dias de hoje, sobre o leito coberto de rosas, o companheiro de seus prazeres. Aspásia não pode repartir seu leito com um homem grosseiro, de nível moral indigno dela. Mas o homem moralmente nobre não tem tempo para passar as noites a seu lado.

Meisel-Hess observa, com toda razão, um fato que se dá com extraordinária freqüência: o homem do nosso tempo considera o amor-paixão como a maior das desgraças que lhe pode acontecer. O amor-paixão é um obstáculo para a realização dos objetivos essenciais de sua vida: a conquista de uma posição, de um capital, de uma coloca-

ção segura, da glória, etc. O homem tem medo dos laços de um amor forte e sincero que o separaria, possivelmente, do principal objetivo de sua vida. A livre união, no complicado ambiente que nos rodeia, exige por sua vez uma perda de tempo e de forças morais infinitamente maiores do que um matrimônio legal ou do que as carícias compradas.

Os encontros ocupam horas preciosas para os negócios. Ao mesmo tempo milhares de demônios ameaçam o casal unido unicamente pelos laços do amor. Uma casualidade é suficiente para que se origine um desacordo momentâneo e, imediatamente, se produza a separação. O amor livre, nas condições atuais da sociedade, termina sempre numa separação ou num matrimônio legal.

Segundo Meisel-Hess, não nasceu ainda o homem forte e consciente que seja capaz de considerar o amor como parte integrante da totalidade de seus objetivos vitais. Por esta razão, o homem atual, absorvido por sérios trabalhos, prefere abrir a bolsa e manter uma amante ou comprometer-se com uma mulher, dando-lhe seu nome e tomando sob sua responsabilidade a carga de uma família legal. Tudo isto é melhor do que perder um tempo tão valioso e dilapidar suas energias nas horas entregues aos prazeres do amor.

A mulher, particularmente as mulheres que vivem de um trabalho independente (este tipo de mulher constitui 40 ou 50%, em todos os países civilizados), tem que enfrentar o mesmo dilema que o homem: vêem-se obrigadas a escolher entre o amor e a profissão. A situação da mulher que trabalha se complica ainda mais com a ma-

ternidade. É suficiente determo-nos um momento na biografia das mulheres que se distinguiram na vida, para convencermo-nos do conflito inevitável entre o amor e a maternidade, por um lado, e a profissão e a vocação, por outro. Talvez o motivo pelo qual as exigências da mulher independente, em relação ao homem, aumentem cada vez mais, seja precisamente o fato de que esse tipo de mulher deposita na balança da felicidade do amor livre, além de sua alma, seu trabalho querido, uma profissão conquistada. Devido a isto, esta mulher exige em troca, como compensação por tudo a que renunciou, o mais rico dom: a alma do homem.

A união livre sofre as conseqüências da ausência de um fator moral, da falta de consciência e um dever interior. No estado atual das relações sociais, não há motivo para se acreditar que esta forma de união sexual seja bastante forte para ajudar a humanidade a sair da encruzilhada em que se encontra a crise sexual, solução que esperam, entretanto, os partidários do amor livre. A solução para este complicado problema só é possível mediante uma reeducação fundamental de nossa psicologia, reeducação esta que, por sua vez, só é possível por uma transformação de todas as bases sociais que condicionam o conteúdo moral da Humanidade. As medidas e reformas pertencentes ao domínio da política social, que indica Meisel-Hess como um remédio, não contêm no fundamental nada essencialmente novo. Correspondem, completamente, às reivindicações do programa socialista: independência econômica da mulher, verdadeira proteção e segurança à maternidade e à infância, luta contra a substituição em sua base econômica, supressão da noção de

filhos legítimos e ilegítimos, substituição do matrimônio religioso pelo matrimônio civil, facilmente anulável, reconstrução fundamental da sociedade segundo os princípios comunistas. O mérito de Meisel-Hess não fica, pois, nas reivindicações político-sociais, que julga necessárias e que são análogas às dos programas socialistas. O que é verdadeiramente essencial em sua detalhada investigação em busca da verdade sexual, é que entrou inconscientemente, sem ser socialista militante, no único caminho de solução possível do problema sexual. Mas, todas as reformas sociais, condições indispensáveis para as novas relações entre os sexos, serão insuficientes para resolver a crise sexual se, ao mesmo tempo, não se forma uma força criadora poderosa, capaz de aumentar o potencial de amor da humanidade.

A perspicácia intelectual de Meisel-Hess é o que leva esta escritora à mesma conclusão, de modo completamente intuitivo.

Meisel-Hess compreendeu que toda a atenção da sociedade no que se refere à educação e à formação do espírito, no domínio das relações sexuais, deve modificar-se.

A união dos sexos, como a entende Meisel-Hess, isto é, a união fundamentada numa profunda identificação, na harmoniosa consonância de corpos e de almas, será por muito tempo o ideal da humanidade futura. Porque não se deve esquecer que o matrimônio baseado no verdadeiro amor é algo que se dá raramente. O amor verdadeiro só ocorre a poucos.

Milhões de seres não conheceram na vida seus encantos. Qual será, pois, o destino destes deserdados? Esta-

rão para sempre condenados ao matrimônio de conveniência? Não terão outro recurso, além da prostituição? Terão que se propor eternamente o dilema, proposto à atual sociedade, de enfrentar o raro amor verdadeiro ou de padecer de fome sexual?

Meisel-Hess prossegue na sua investigação e descobre nova solução. Onde não existe o amor verdadeiro este é substituído pelo amor jogo. Para que o amor verdadeiro chegue a ser patrimônio de toda a humanidade é preciso passar por difícil, porém enobrecedora escola de amor. O amor jogo é também uma escola, é um meio de acumulação do potencial do amor na psicologia humana.

Que será este amor jogo, no qual Meisel-Hess baseia tantas esperanças?

O amor jogo, em suas diversas formas, encontra-se em todas as épocas da história da humanidade. Nas relações entre a antiga hetaira e seu amigo, no amor galante da época da Renascença entre a cortesã e seu amante protetor, na amizade erótica da modista, livre como um pássaro, e seu companheiro estudante. Em todas estas relações podemos encontrar facilmente os elementos principais deste sentimento. Não é o Eros que a tudo devora, que exige a plenitude e a posse absoluta, mas tampouco é a brutal sexualidade reduzida meramente ao ato fisiológico. O amor jogo que nos descreve Meisel-Hess não pode ser tampouco o amor nascido de uma psicologia simplista.

O amor jogo é exigente. Seres que se aproximam unicamente por causa de uma simpatia mútua, que só esperam um do outro a amabilidade e o sorriso da vida, não

podem permitir que se torture impunemente sua alma, não podem consentir que se esqueça sua personalidade nem que se ignore seu mundo interior. O amor jogo, que exige dos dois seres unidos maior atenção mútua, mais delicadezas em todas as suas relações, pode acabar no homem, pouco a pouco, com o egoísmo profundo, que marca hoje em dia, indelevelmente, todos os seus sentimentos amorosos. Uma atitude solícita em relação à alma do outro, além de servir de estímulo aos sentimentos de simpatia, desenvolve a intuição, a sensibilidade e a delicadeza.

Em terceiro lugar, o amor jogo, por não ter como ponto de partida o princípio da posse absoluta, acostuma os homens a entregar à pessoa amada a parte mais agradável de seu eu, a parte que faz a vida mais agradável e harmoniosa. Admite Meisel-Hess que este amor jogo iniciaria os homens numa virtude superior. Ensiná-los-ia a não entregar-se inteiramente, a não ser quando encontrassem um sentimento constante e profundo. A tendência atual leva-nos a atentar contra a personalidade do outro, desde o primeiro beijo. Estamos dispostos a entregar totalmente nosso coração, embora o outro ainda não sinta nenhuma atração. É necessário não esquecer nunca que unicamente o sagrado amor verdadeiro pode ter suficiente força para conceder direitos.

Há ainda outras vantagens no amor jogo ou amizade erótica. Esta relação sexual ensina os homens a resistir à paixão que degrada e oprime o indivíduo. Meisel-Hess afirma: “este ato espantoso que podemos classificar de penetração pela violência no eu do outro, não pode dar-se no amor jogo. O amor jogo exclui o pecado maior do amor: “A perda da personalidade na corrente da paixão”.

A humanidade contemporânea vive sob o sombrio signo da paixão, sempre ávida a devorar o eu do outro. No romance de Lasswitz, uma habitante de Marte replica à proposição de um habitante da Terra: “Neste ligeiro jogo dos sentimentos, teria que descer e dobrar-me à escravidão da paixão, perder minha liberdade, descer contigo à Terra... vossa terra é maior, talvez, mais bela que nosso planeta, mas eu certamente morreria em sua densa atmosfera. Pesados como vosso ar são vossos corações. E eu não sou mais que Numa ...”

A época atual caracteriza-se pela ausência da arte de amar. Os homens desconhecem em absoluto a arte de saber conservar relações amorosas, claras, luminosas, leves. Não sabem todo o valor que encerra a amizade amorosa. O amor para os homens de nossa época é uma tragédia que destroça a alma, ou um *vaudeville*. É preciso tirar a humanidade desse atoleiro: ensinar aos homens a viver horas cheias de beleza, claras, sem grandes cuidados. A psicologia do homem não estará aberta para receber o verdadeiro amor, purificado de todos os seus aspectos sombrios, até que passe pela escola da amizade amorosa. Cada novo amor (não nos referimos, naturalmente, ao ato brutal, meramente fisiológico) em vez de empobrecer a alma humana, contribui para enriquecê-la. “Um coração humano são e rico” – diz Meisel-Hess – “não é um pedaço de pão que diminui à medida que nós o comemos”. O amor é uma força que quanto mais se consume mais cresce. “Amar sempre, amar profundamente, em todos os momentos da nossa vida, amar sempre e cada vez com maior abnegação, é o destino ardente de todo grande coração.” O amor em si é uma grande força cria-

dora. Engrandece e enriquece a alma daquele que o sente, tanto como a alma de quem o inspira.

Se a humanidade não tivesse o amor, sentir-se-ia roubada, deserdada e desgraçada. O amor será seguramente o culto da humanidade futura. Hoje em dia o homem necessita, para poder lutar, viver, trabalhar e criar, sentir-se afirmado, reconhecido. O que se sente amado sabe que há alguém que reconhece sua personalidade, em todo seu valor, e, precisamente pela consciência de sentir-se afirmado, nasce a suprema alegria de viver. Mas, este reconhecimento do eu, esta vitória sobre o fantasma ameaçador da solidão moral, não se pode alcançar, de modo algum, com a satisfação brutal do desejo fisiológico. "Só o sentimento de uma total harmonia com o ser amado pode extinguir esta sede". Só o verdadeiro amor pode nos dar a plena satisfação. Portanto, a crise sexual é muito mais aguda quando as reservas do potencial do amor são menores, quando os laços sociais são mais limitados, quando a psicologia humana é mais pobre em sentimentos de solidariedade.

Desenvolver este imprescindível potencial do amor, educar, preparar a psicologia humana para que esteja em condições de receber o verdadeiro amor, esta é precisamente a finalidade que deve cumprir o amor jogo ou amizade erótica.

Podemos dizer que o amor jogo não é mais que um substituto do verdadeiro amor. "Isto não é suficiente", dirão ainda alguns. Neste caso, responde Meisel-Hess, que se atrevam a olhar em torno de si e se dêem conta com o que substituem na sociedade moderna o verdadeiro amor! A prostituição disfarçada de verdadeiro amor! Que gran-

de hipocrisia, que terríveis reservas de mentiras sexuais se acumulam nesse aspecto! Vejamos um exemplo da vida tomada ao acaso. Dois noivos se sentem possuídos pelo mesmo desejo. A severa moral contemporânea proíbe sua satisfação e lhes impõe um decisivo, ainda não. Portanto, o noivo vai à casa da prostituta, que não deseja suas carícias, mas que tem que entregar-se a ele, enquanto a noiva se consome na espera da autorização legal. Seria muito mais natural, e desde logo muito mais moral, que estes dois seres, motivados por um mesmo desejo, encontrassem a mútua satisfação de sua carne em si próprios, sem buscar a cumplicidade de uma terceira pessoa, completamente alheia à situação que eles mesmos criaram.

Além dos aspectos fundamentais de caráter econômico-social, a prostituição implica um fator psicológico determinante que está profundamente gravado no espírito humano: a satisfação de uma necessidade erótica sem outra preocupação ulterior, a liberdade de sua alma e de seu futuro, sem a necessidade de se colocar aos pés de um ser interiormente alheio a seu eu. É necessário dar liberdade a esse instinto natural. Não se pode enforcar um enamorado com a corda do matrimônio. O amor jogo indica o caminho a seguir. "Se queremos ser sinceros, se não admitimos a hipocrisia da moral e a mentira sexual, não há motivo para negar a possibilidade de uma solução semelhante para a humanidade colocada em grau superior da evolução social" – diz Meisel-Hess.

Diante de uma série de reformas sociais, que Meisel-Hess assinala como uma condição indispensável de todas as suas deduções morais, que delito pode haver no fato do êxtase erótico – lançar um ser nos braços do outro?



Finalmente, os limites da amizade erótica são muito amplos e podem estender-se ainda mais. Ocorre com muita frequência que dois seres que se aproximaram atraídos por uma livre simpatia cheguem a conhecer-se mutuamente, ou seja, que do amor jogo nasça o amor verdadeiro. Para que isto aconteça basta criar possibilidades objetivas. Quais são, pois, as deduções e reivindicações práticas a que chega Meisel-Hess?

Em primeiro lugar, a sociedade terá que acostumar-se a reconhecer todas as formas de união entre os sexos, mesmo que estas se apresentem diante dela com contornos novos e desconhecidos. Mas sempre que correspondam a duas condições: que não ofereçam perigo para a espécie e que seu fator determinante não seja o jugo econômico. O ideal continuará sendo a união monogâmica baseada num amor verdadeiro, porém sem as características de invariabilidade e indissolubilidade. A mudança será tanto mais evitável quanto mais diversa for a psicologia do homem. O concubinato ou monogamia sucessiva será a forma fundamental do matrimônio. Porém, ao lado desta relação sexual existe toda uma série de aspectos diversos de uniões amorosas sempre dentro dos limites da amizade erótica.

A segunda exigência é o reconhecimento real, não somente de palavras, mas de fato, da defesa da maternidade. A sociedade tem a obrigação de estabelecer em todo o caminho da vida da mulher, de todas as formas possíveis, postos de socorro que sustentem a mulher, moral e materialmente, durante o período de maior responsabilidade em sua vida.

Por último, a fim de que as relações mais livres não pareçam o desenfreamento total, torna-se necessário rever todo

o instrumental moral com que se equipa a mulher solteira quando entra no caminho da vida.

A educação contemporânea somente tende a limitar, na mulher, os sentimentos de amor. Esta educação é a causa dos corações destroçados, das mulheres desesperadas, que se afogam na primeira tempestade. É preciso que se abram para a mulher as múltiplas portas da vida. É preciso endurecer seu coração e forjar sua vontade. Já é hora de ensinar à mulher a não considerar o amor como a única base de sua vida e sim como uma etapa, como um meio de revelar seu verdadeiro eu. É necessário que a mulher aprenda a sair dos conflitos do amor, não com as asas quebradas e sim como saem os homens, com a alma fortalecida. É necessário que a mulher aceite o lema de Goethe: "Saber desprezar o passado no momento em que se quer e receber a vida como se acabasse de nascer". Afortunadamente, já se distinguem os novos tipos femininos, as mulheres celibatárias para as quais os tesouros que a vida pode oferecer não se limitam ao amor.

No domínio dos sentimentos do amor esse novo tipo de mulher não permite que as correntes da vida sejam as que dirijam seu barco: o leme está nas mãos do timoneiro experimentado, sua vontade enrijeceu na luta pela subsistência. A velha exclamação: "É uma mulher com passado!", é agora glosada pela celibatária da seguinte forma: "Esta mulher não tem passado. Que triste destino o seu!" É certo que na realidade o novo tipo de mulher ainda não existe em grande número. É igualmente certo que a nova era sexual, fruto de uma organização mais perfeita da sociedade, não começará imediatamente. A deprimente crise sexual não poderá resolver-se de

uma só vez, não poderá deixar o caminho livre à moral do futuro, sem luta. Mas, é igualmente certo que o caminho já foi encontrado e que ao longe brilha, de par em par, a porta desejada.

O livro de Meisel-Hess nos facilita o fio de Ariadne no labirinto complexo das relações sexuais, nos dramas psicológicos. Não falta mais nada do que utilizar o precioso conjunto de pensamentos que nos oferece e extrair as conseqüências em harmonia com as tarefas essenciais da classe que se eleva ao primeiro posto na sociedade. Nossa tarefa será, portanto, após deixar de lado pequenos detalhes sem importância, depois de sanar inexatidões insignificantes, buscar também nesse problema, no domínio das relações entre os sexos, na psicologia do amor, os princípios da nova cultura em marcha, cujo triunfo se aproxima, inevitavelmente, isto é, os princípios da cultura proletária.

### 3

## as relações entre os sexos

Entre os múltiplos problemas que perturbam a humanidade, ocupa, indiscutivelmente, um dos primeiros postos, o problema sexual. Não há uma só nação, um só povo em que a questão das relações entre os sexos não adquira cada dia um caráter mais violento e doloroso. A humanidade contemporânea passa por uma crise sexual aguda. Uma crise que se prolonga e que, portanto, é muito mais grave e difícil de resolver.

No curso da história da humanidade não encontraremos, seguramente, outra época na qual os problemas sexuais tenham ocupado, na vida da sociedade, um lugar tão importante, atraindo como por arte de magia, as atenções de milhões de homens. Em nossa época, mais do que em nenhuma outra da história, os dramas sexuais constituem fonte inesgotável de inspiração para os artistas de todos os gêneros da Arte.

Como a terrível crise sexual se prolonga, seu caráter crônico adquire maior gravidade e mais insolúvel nos parece a situação presente. Por isto, a humanidade contemporânea lança-se ardentemente sobre todos os meios conjecturáveis que tornem possível uma solução para o maldito problema. Mas, a cada nova tentativa de solução, mais se complica o complexo emaranhado das relações entre os sexos, dando-nos a impressão de que seria impossível descobrir o único fio que nos serviria para desatar o complicado nó. A humanidade, atemorizada, precipita-se de um extremo ao outro. Mas, o círculo mágico da questão sexual permanece tão hermeticamente fechado como antes.

Os elementos conservadores da sociedade concluem que é imprescindível voltar aos felizes tempos passados, restabelecer os velhos costumes familiares, dar novo impulso às normas tradicionais da moral sexual. "É preciso destruir todas as proibições hipócritas prescritas pelo código da moral sexual corrente. É chegado o momento de se abandonar esta velharia inútil e incômoda... A consciência individual, a vontade individual de cada ser é o único legislador em uma questão de caráter tão íntimo" – ouve-se esta afirmação nas fileiras do individualismo burguês. "A solução para os problemas sexuais só poderá ser encontrada com o estabelecimento de uma nova ordem social e econômica, com uma transformação fundamental de nossa atual sociedade" – afirmam os socialistas. Precisamente, porém, este esperar pelo amanhã não indica que tampouco nós conseguimos apoderar-nos do fio condutor?

A própria história das sociedades humanas nos oferece o caminho que devemos seguir em nossa investiga-

ção; e que nos é ainda indicado pela história da ininterrupta luta de classes e dos diversos grupos sociais, opostos por seus interesses e suas tendências.

Não é a primeira vez que a Humanidade atravessa um período de aguda crise sexual. Não é a primeira vez que as aparentemente firmes e claras prescrições da moral cotidiana, no domínio da união sexual, são destruídas pelo afluxo de novos ideais sociais. A humanidade passou por uma época de crise sexual verdadeiramente aguda durante os períodos do Renascimento e da Reforma, no momento em que uma formidável modificação social relegava a segundo plano a aristocracia feudal, orgulhosa de sua nobreza, acostumada ao dominar sem limitações, e em seu lugar emergia uma nova força social, a burguesia ascendente, que crescia e se desenvolvia cada vez mais, com maior impulso e poder. O código da moral sexual do mundo feudal, nascido no seio da sociedade aristocrática, com um sistema de economia comunal e baseado nos princípios autoritários de castas, devorava a vontade individual dos membros dessa sociedade que tentavam permanecer isolados. O velho código moral entrava em choque com novos princípios, que impunham à classe burguesa em formação. A moral sexual da nova burguesia baseava-se em princípios radicalmente opostos aos princípios morais mais essenciais do código feudal. Em substituição ao princípio de castas, aparecia uma severa individualização: os estreitos limites da pequena família burguesa. O fator de colaboração, essencial na sociedade feudal, característica de sua economia comunal, tanto como da economia regional, era substituído pelo princípio da concor-

rência. Os últimos vestígios de idéias comunais, próprias dos diversos graus de evolução das castas, foram ultrapassados pelo triunfante princípio da propriedade privada. A humanidade, perdida durante o processo de transição, ficou em dúvida, durante vários séculos, entre os dois códigos sexuais, de espírito tão diverso, e permaneceu ansiosa por adaptar-se à situação, até o momento em que a vida transformou as velhas normas, alcançando, pelo menos, uma forma harmoniosa, uma solução quanto ao aspecto externo.

Porém, durante esta época de transição, tão viva e cheia de colorido, a crise sexual, apesar de revestida de caráter crítico, não se apresentou de uma forma tão grave e ameaçadora como em nossa época. Isto se deveu ao fato de que, durante os gloriosos dias do Renascimento, durante aquele novo século, iluminado pela nova cultura espiritual, que coloria o agonizante mundo da Idade Média, pobre de conteúdo, apenas uma parte relativamente reduzida da sociedade experimentou a crise sexual. O campesinato, camada social mais considerável da época, do ponto de vista quantitativo, sofreu as conseqüências da crise sexual de forma indireta, quando, por lento processo secular se transformavam as bases econômicas em que esta classe se fundamentava, isto é, unicamente à medida em que evoluíam as relações econômicas. As duas tendências opostas lutavam nas camadas superiores da sociedade. Neste terreno, enfrentavam-se os ideais e as normas das duas concepções diversas da sociedade. E era onde, precisamente, a crise sexual, cada vez mais grave e ameaçadora, fazia suas vítimas. Os camponeses, rebeldes a qualquer inovação,

classe apegada a seus princípios, continuavam apoiando-se nos sustentáculos das tradições e o código da moral sexual tradicional permanecia inalterável. Só se transformava, não se abrandava. Adaptava-se às novas condições da vida econômica, sob a pressão da grande necessidade. A crise sexual, durante a luta entre o mundo burguês e o mundo feudal, não afetou a classe tributária. E mais, ao arruinar-se, as tradições apegavam-se à classe camponesa com maior força. Apesar de todas as tempestades que desabavam sobre sua cabeça, que abalavam até o solo que pisavam, a classe camponesa, em geral, e particularmente, os camponeses russos tentaram conservar, durante séculos e séculos, em sua forma primitiva, os princípios essenciais de seu código moral sexual.

O problema de nossa época apresenta um aspecto totalmente distinto. A crise sexual não perdoa sequer a classe camponesa. Como doença infecciosa, não reconhece nem graus, nem hierarquias, contamina os palácios, as aldeias e os bairros operários, onde vivem amontoados milhares de seres. Penetra nos lares burgueses, abre caminho até à miserável e solitária aldeia russa, elege suas vítimas, tanto entre os habitantes da cidade provinciana burguesa da Europa, quanto nos úmidos sótãos, onde se amontoa a família operária, e nas enegrecidas choças do camponês. Para a crise sexual não há obstáculos nem ferrolho. É um profundo erro acreditar que a crise sexual só alcança os representantes das classes que têm uma posição econômica materialmente segura. A indefinida inquietação da crise sexual franqueia, cada vez com maior frequência, a porta das habitações operárias, causando tris-

tes dramas, que por sua intensidade de dor, não tem nada a dever aos conflitos psicológicos do mundo burguês. Porém, justamente porque a crise sexual não ataca somente os interesses dos que tudo possuem, precisamente porque estes problemas sexuais afetam também uma classe social tão numerosa como o proletariado de nossos tempos, é incompreensível e imperdoável que esta questão vital, essencialmente violenta e trágica, seja considerada com tanta indiferença. Entre as múltiplas idéias fundamentais que a classe trabalhadora deve levar em conta em sua luta para a conquista da sociedade futura, deve estar, necessariamente, o estabelecimento de relações sexuais mais sadias e que, portanto, tornem a humanidade mais feliz.

É imperdoável nossa atitude de indiferença diante de uma das tarefas essenciais da classe trabalhadora. É inexplicável e injustificável que o vital problema sexual seja relegado, hipócritamente, ao arquivo das questões puramente privadas. Por que negamos a este problema o auxílio da energia e da atenção da coletividade? As relações entre os sexos e a elaboração de um código sexual que regulamente estas relações aparecem na história da humanidade, de maneira invariável, como um dos fatores da luta social. Nada mais certo do que a influência fundamental e decisiva das relações sexuais de um grupo social e determinado no resultado da luta dessa classe com outra, de interesses opostos.

O drama da humanidade atual é desesperador porque, enquanto diante de nossos olhos são destruídas as formas banais de união sexual e são desprezados os princípios que as regiam, das camadas mais baixas da sociedade se

elevam frescos aromas desconhecidos, que nos fazem conceber esperanças risonhas sobre uma nova forma de vida e impregnam o espírito humano com a nostalgia de ideais futuros, mas cuja realização não parece possível. Nós, homens do século em que domina a propriedade capitalista, de um século onde transbordam as agudas contradições de classe; nós, homens imbuídos da moral individualista, vivemos e pensamos sob o funesto símbolo de invencível alheamento moral. A terrível solidão que o homem sente nas imensas cidades populosas, nas cidades modernas tão irrequietas e tentadoras; a solidão, que não é dissipada pela companhia de amigos e companheiros, é que o impulsiona a buscar, com avidez doentia, a sua ilusória alma gêmea, num ser do sexo oposto, visto que só o amor possui o mágico poder de afugentar, embora momentaneamente, as angústias da solidão.

Em nenhuma outra época da história os homens sentiram com tanta intensidade a solidão moral. Necessariamente tem que ser assim. A noite é muito mais impenetrável quando ao longe vemos brilhar uma luz. Os homens individualistas de nossa época, unidos por débeis laços à comunidade ou a outras individualidades, vêem brilhar ao longe uma nova luz: a transformação das relações sexuais mediante a substituição do cego fator fisiológico pelo novo fator criador da solidariedade, da camaradagem.

A moral da propriedade individualista de nossos tempos começa a afogar os homens. O homem contemporâneo não se contenta em criticar as relações entre os sexos, em negar as formas exteriores prescritas pelo código da moral vigente. Sua alma deseja a renovação da essência

das relações sexuais, deseja ardentemente encontrar o verdadeiro amor, essa grande força confortadora e criadora que é a única capaz de afugentar a solidão de que padecem os individualistas contemporâneos. Se é certo que a crise sexual está condicionada em suas três partes pelas relações externas de caráter econômico-social, não é menos certo que a outra quarta parte de sua intensidade é devida, à nossa refinada psicologia individualista, que com tanto cuidado a dominante ideologia burguesa cultivou. A humanidade contemporânea, como disse, acertadamente, Meisel-Hess, é muito pobre em potencial de amor. Cada um dos sexos busca o outro com a única esperança de conseguir a maior satisfação possível de prazeres espirituais e físicos para si. Cada um utiliza o outro como simples instrumento. O amante ou o noivo não pensa nos sentimentos, no trabalho psicológico que se efetua na alma da mulher amada.

Talvez não haja nenhuma outra relação humana como as relações entre os sexos, na qual se manifeste com tanta intensidade o individualismo grosseiro que caracteriza nossa época. Absurdamente se imagina que basta ao homem, para escapar à solidão moral que o rodeia, o amor, exigir seus direitos sobre a outra pessoa. Espera assim, unicamente, obter esta sorte rara: a harmonia da afinidade moral e a compreensão entre dois seres. Nós, os indivíduos dotados de uma alma que se fez grosseira pelo constante culto de nosso eu, cremos que podemos conquistar sem nenhum sacrifício a maior das sortes humanas, o verdadeiro amor, não só para nós, como também para nossos semelhantes. Cremos poder conquistar isso sem dar em troca a nossa própria personalidade.

Pretendemos conquistar a totalidade da alma do ser amado mas, em compensação, somos incapazes de respeitar a mais simples fórmula do amor: acercarmo-nos do outro dispostos a dispensar-lhe todo o gênero de considerações. Esta simples fórmula nos será unicamente inculcada pelas novas relações entre os sexos, relações que já começaram a se manifestar e que estão baseadas também, em dois princípios novos: liberdade absoluta, por um lado, e igualdade e verdadeira solidariedade entre companheiros, por outro. Entretanto, por enquanto, a humanidade tem que sofrer, ainda, a solidão moral e não há outro remédio senão sonhar com uma época melhor na qual todas as relações humanas se caracterizem por sentimentos de solidariedade, que serão possíveis por causa das novas condições da existência. A crise sexual é insolúvel sem que haja uma transformação fundamental da psicologia humana; a crise sexual só pode ser vencida pela acumulação de potencial de amor. Mas, essa transformação psíquica depende completamente da reorganização fundamental das relações econômicas sobre os fundamentos comunistas. Se recusarmos esta velha verdade, o problema sexual não terá solução.

Apesar de todas as formas de união sexual que a humanidade experimenta hoje em dia, a crise sexual não se resolveu em nenhum lugar. Não se conheceu em nenhuma época da história tantas formas diversas de união entre os sexos. Matrimônio indissolúvel, com uma família solidamente constituída, e a seu lado a união livre, passageira; o adultério conservado no maior segredo, ao lado do matrimônio e da vida em comum de uma moça sol-

teira com o seu amante; o matrimônio por trás da Igreja, o matrimônio de dois, o matrimônio triângulo e, inclusive, a forma complicada do matrimônio de quatro, sem contar as múltiplas variantes da prostituição. Ao lado destas formas de união, entre os camponeses e a pequena burguesia, encontramos vestígios dos velhos costumes de casta, mesclados com os princípios em decomposição da família burguesa e individualista; a vergonha do adultério, a vida em concubinato entre o sogro e a nora e a liberdade absoluta para a jovem solteira. Sempre a mesma moral dupla. As formas atuais de união entre os sexos são contraditórias e complicadas, de tal modo, que nos interrogamos como é possível que o homem que conservou em sua alma a fé na firmeza dos princípios morais possa continuar admitindo essas contradições e salvar esses critérios morais irreconciliáveis, que necessariamente se destroem um ao outro. Precisamente, o trabalho a realizar consiste em fazer com que surja essa nova moral: é preciso extrair do caos as normas sexuais contraditórias da época presente, as premissas dos princípios que correspondem ao espírito da classe revolucionária em ascensão.

Além do individualismo extremado, defeito fundamental da psicologia da época atual, de um egocentrismo transformado em culto, a crise sexual agrava-se muito mais com outros dois fatores da psicologia contemporânea: a idéia do direito de propriedade de um ser sobre o outro e o preconceito secular da desigualdade entre os sexos em todas as esferas da vida.

A idéia da propriedade inviolável do esposo foi cultivada com todo o esmero pelo código moral da classe bur-

guesa, com sua família individualista encerrada em si mesma, construída totalmente sobre as bases da propriedade privada. A burguesia conseguiu com perfeição inocular essa idéia na psicologia humana. O conceito de propriedade dentro do matrimônio vai hoje em dia muito além do que ia o conceito da propriedade nas relações sexuais do código aristocrático. No curso do longo período histórico que transcorreu sobre o signo do princípio de casta, a idéia da posse da mulher pelo marido (a mulher carecia de direitos de propriedade sobre o marido) não se estendia além da posse física, mas sua personalidade lhe pertencia completamente.

Os cavaleiros da Idade Média chegavam inclusive a reconhecer nas suas esposas o direito de ter admiradores platônicos e de receber o testemunho desta adoração pelos cavaleiros e menestréis. O ideal da posse absoluta, da posse não só do eu físico, mas também do eu espiritual por parte do esposo, o ideal, que admite uma reivindicação de direitos de propriedade sobre o mundo espiritual e moral do ser amado, é que se formou na mente e foi cultivado pela burguesia com o objetivo de reforçar os fundamentos da família, para assegurar sua estabilidade e sua força durante o período de luta para conquista de seu predomínio social. Esse ideal não só o recebemos como herança, como também chegamos a pretender que seja considerado um imperativo moral indestrutível. A idéia da propriedade se estende muito além do matrimônio legal. É um fator inevitável que penetra até na união amorosa mais livre. Os amantes de nossa época, apesar de seu respeito teórico pela liberdade, só se satisfazem com a consciência da fidelidade psicológica da

pessoa amada. Com o fim de afugentar o fantasma ameaçador da solidão, penetramos, violentamente, na alma do ser amado, com uma crueldade e uma falta de delicadeza que será incompreensível à humanidade futura. Da mesma forma pretendemos fazer valer nossos direitos sobre o seu eu espiritual mais íntimo. O amante contemporâneo está disposto a perdoar mais facilmente ao ser querido uma infidelidade física do que uma infidelidade moral e pretende que lhe pertença cada partícula da alma da pessoa amada, que se estenda mais além dos limites de sua união livre. Considera tudo isto como um desperdício, como um roubo imperdoável de tesouros que lhe pertenciam, exclusivamente e, portanto, como um saque cometido à sua revelia.

Tem a mesma origem a absurda indelicadeza que cometem constantemente dois amantes com relação a uma terceira pessoa. Todos tivemos ocasião de observar um fato curioso que se repete continuamente: dois amantes, que mal tiveram tempo de conhecer-se em suas relações múltiplas, apressam-se a estabelecer seus direitos sobre as relações sexuais do outro e intervir no mais sagrado e no mais íntimo de sua vida. Seres que ontem eram dois estranhos, hoje, unicamente porque os unem sensações eróticas, apressam-se a apossar-se da alma do outro, a dispor da alma desconhecida e misteriosa sobre a qual o passado gravou imagens inapagáveis e a instalar-se no seu interior como se estivesse em sua própria casa. Esta idéia da posse recíproca de um casal amoroso estende seu domínio de tal forma que pouco nos surpreende um fato tão anormal quanto o seguinte: dois recém-casados viviam até ontem cada um com a sua própria vida; no

dia seguinte à sua união, cada um deles abre sem o menor escrúpulo a correspondência do outro inteirando-se conseqüentemente, do conteúdo da carta procedente de uma terceira pessoa que só tem relação com um dos esposos e se converte em propriedade comum. Uma intimidade desse gênero só se pode adquirir como resultado de uma verdadeira união entre as almas no curso de uma longa vida em comum, de amizade posta à prova. O que se busca, em geral, é legitimar essa intimidade, baseando-se na idéia equivocada de que comunhão sexual entre dois seres é suficiente para estender o direito de propriedade sobre o ser moral da pessoa amada.

O segundo fator que deforma a mentalidade do homem contemporâneo e que agrava a crise sexual é a idéia de desigualdade entre os sexos, desigualdade de direitos e desigualdade no valor de suas sensações psicofisiológicas. A moral dupla, característica do código burguês e do código aristocrático, envenenou durante séculos a psicologia de homens e mulheres e tornou muito mais difícil livrar-se de sua influência venenosa do que das idéias referentes à propriedade de um esposo sobre o outro, herdadas da ideologia burguesa. A concepção de desigualdade entre os sexos, até no domínio psicofisiológico, obriga à aplicação constante de medidas diversas para atos idênticos, segundo o sexo que os haja realizado. Um homem de idéias avançadas no campo burguês, que soube desde algum tempo superar as perspectivas do código da moral em uso, será incapaz de subtrair-se à influência do meio ambiente e emitirá um juízo completamente distinto, segundo se trate do homem ou da mulher. Basta um exemplo vulgar: imaginemos que um in-



telectual burguês, um cientista, um político, um homem de atividades sociais, ou seja, uma personalidade, se enamora de sua cozinheira (fato que, aliás, se dá com bastante freqüência) e chegue, inclusive, a casar-se com ela. Modificará a sociedade burguesa por este fato sua conduta em relação à personalidade desse homem? Porá em questão sua personalidade? Duvidará de suas qualidades morais? Naturalmente, não. Agora vejamos outro exemplo: uma mulher pertencente à sociedade burguesa, uma mulher respeitável, considerada, uma professora, médica ou escritora; uma mulher, em suma, com personalidade, se enamora de um criado e chega ao clímax do escândalo, consolidando esta questão com um matrimônio legal. Qual será a atitude da sociedade burguesa em relação a esta pessoa até agora respeitada? A sociedade, naturalmente, a mortificará com seu desprezo. Mas, será muito mais terrível se seu marido, o criado, possui uma bela fisionomia e outros atrativos de caráter físico. Nossa hipócrita sociedade burguesa julgará sua escolha da seguinte forma: até onde desceu essa mulher?

A sociedade burguesa não pode perdoar a mulher que se atreve a dar à escolha do marido um caráter individual. Segundo a tradição herdada dos costumes de casta, a sociedade pretende que a mulher continue levando em conta, no momento de entregar-se, uma série de considerações de graus e hierarquias sociais, a respeito do meio familiar e dos interesses da família. A sociedade burguesa não pode considerar a mulher independente da célula da família; é-lhe completamente impossível apreciá-la como personalidade fora do círculo estreito das virtudes e deveres familiares.

A sociedade contemporânea vai muito mais longe que a ordem antiga na tutela que exerce sobre a mulher. Não só lhe prescreve casar-se unicamente com homens dignos dela, como lhe proíbe, inclusive, que chegue a amar um ser que lhe é socialmente inferior. Estamos acostumados a ver como homens, de nível moral e intelectual muito elevado, escolhem para companheira de vida uma mulher insignificante e vazia, sem nenhum valor comparado ao valor do esposo. Apreciamos este fato como completamente normal e que, portanto, não merece sequer nossa consideração. Tudo que pode suceder é que os amigos "lamentem que Ivan Ivanitch tenha se casado com uma mulher insuportável". O caso varia tratando-se de uma mulher. Então, nossa indignação não tem limites e a expressamos com frases como a seguinte: "Como é possível que uma mulher tão inteligente como Maria Petrovna possa amar uma nulidade assim!... Teremos que por em dúvida sua inteligência..."

Que determina essa maneira diferente de julgar as coisas? A que princípio obedece uma apreciação tão contraditória? Essa diversidade de critérios tem origem na idéia da desigualdade entre os sexos, idéia que tem sido inculcada na humanidade durante séculos e séculos e que acabou por apoderar-se de nossa mentalidade, orgânicamente. Estamos acostumados a valorizar a mulher, não como personalidade, com qualidades e defeitos individuais, independente de suas sensações psicofisiológicas. Para nós, a mulher só tem valor como acessório do homem. O homem, marido ou amante, projeta sobre a mulher sua luz; é a ele e não a ela que tomamos em consideração como o verdadeiro elemento determinante da es-

trutura espiritual e moral da mulher. Em troca, quando valorizamos a personalidade do homem, fazemos por antecipação uma total abstração de seus atos no que diz respeito às relações sexuais.

A personalidade da mulher, pelo contrário, valoriza-se em relação à sua vida sexual. Este modo de apreciar o valor de uma personalidade feminina deriva do papel que representou a mulher durante séculos. A revisão de valores, neste domínio essencial, só se faz, ou melhor dizendo, só se indica, de modo gradual. A atenuação dessas falsas e hipócritas concepções só se realizará com a transformação do papel econômico da mulher na sociedade, com sua entrada nas fileiras do trabalho.

Os três fatores fundamentais que deformam a psicologia humana são os seguintes: o egocentrismo extremo, a idéia do direito de propriedade dos esposos entre si e o conceito da desigualdade entre os sexos no aspecto psicofisiológico. Esses três fatores são os que travam o caminho que conduz à solução do problema sexual. A humanidade não encontrará solução para este problema até que haja acumulado em sua psicologia suficientes reservas de sensações depuradas, até que se haja apoderado de sua alma o potencial do amor, até que o conceito da liberdade no matrimônio e na união livre seja um fato consolidado, em suma, até que o princípio da camaradagem haja triunfado sobre os conceitos tradicionais de desigualdade e de subordinação nas relações entre os sexos. Sem uma reconstrução total e fundamental da psicologia humana é insolúvel o problema sexual.

Mas, não será essa condição prévia uma utopia desprovida de base, utopia na qual os idealistas sonhadores

baseiam suas considerações ingênuas? Tentemos aumentar o potencial de amor da humanidade. Acaso os sábios de todos os povos, desde Buda e Confúcio até Cristo, não se entregaram desde tempos remotos a essa tarefa?

Entretanto, há alguém que creia que o potencial do amor aumentou na humanidade? Reduzir a questão da crise sexual a utopias desse tipo, por muito bem intencionadas que sejam, não significará praticamente um reconhecimento de impotência e uma renúncia à busca de soluções possíveis?

Vejamos se isto é certo. A reeducação fundamental do ser humano no domínio das relações sexuais não é algo impossível de se conseguir. A reeducação é possível porque não é algo que esteja em contraposição com a vida real. Precisamente, nos momentos atuais, observamos como se inicia um poderoso deslocamento social e econômico, suficiente para engendrar novas bases de vida no campo dos sentimentos e que, pelas condições que surgiram, estão de acordo com as exigências assinaladas acima.

Na sociedade atual avança um novo grupo social que tenta ocupar o primeiro posto e deixar de lado a burguesia, com sua ideologia de classe e seu código de moral sexual individualista. Esta classe ascendente, de vanguarda, leva necessariamente em seu seio os germens de novas relações entre os sexos, relações que, forçosamente, estarão ligadas a seus objetivos sociais de classe.

A complexa evolução das relações econômico-sociais, que se verifica diante de nossos olhos, que transtorna todas as nossas concepções sobre o papel da mulher na vida sexual e destrói os fundamentos da moral sexual burguesa, traz consigo dois fatos que, à primeira vista, parecem

contraditórios. Por um lado, observamos os esforços infatigáveis da humanidade para adaptar-se às novas condições da economia social transformada, esforços que tendem ou a conservar as formas antigas, dando-lhe um novo conteúdo (manutenção da forma exterior do matrimônio indissolúvel e monógamo, mas ao mesmo tempo, o reconhecimento de fato da liberdade dos esposos), ou ao contrário a aceitação de novas formas que tragam em seu interior, ao mesmo tempo, todos os elementos do código moral do matrimônio burguês (a união livre na qual o direito de propriedade dos dois esposos unidos livremente ultrapassa os limites do direito de propriedade do matrimônio legal). Por outro lado, não podemos deixar de assinalar o aparecimento, vagaroso porém invencível, de novas formas de união entre os sexos. Novas, não tanto pela forma, como pelo caráter que anima os seus preceitos.

A humanidade sonda com inquietação os novos ideais. Mas, basta examiná-los um pouco, detalhadamente, para neles reconhecer, apesar de seus limites não estarem suficientemente demarcados, os traços característicos, pelos quais se unem as tarefas do proletariado, classe social incumbida de se apoderar da fortaleza do futuro. Aquele que quer encontrar, no labirinto das normas sexuais contraditórias, os germens de relações futuras entre os sexos, mais sadias e que prometam libertar a humanidade da crise sexual, tem, necessariamente, que abandonar os bairros onde habitam as elites, com sua refinada psicologia individualista, e olhar as casas amontoadas dos operários, nas quais, em meio à obscuridade e, ao horror gerados pelo capitalismo, surgem, apesar de tudo, fontes

que vivificam o amor e abrem caminho a um novo tipo de entendimento entre homens e mulheres.

Entre a classe operária, sob a pressão de duras condições econômicas e o jugo implacável da exploração capitalista, observa-se o duplo processo a que nos referimos. A influência destruidora do capitalismo, que aniquila todos os fundamentos da família operária, obriga o proletariado a adaptar-se, instintivamente, às condições do mundo que o cerca e provoca, portanto, uma série de fatos referentes às relações entre os sexos, análogos aos que se produzem, também, em outras camadas da sociedade. Devido aos salários reduzidos, retarda-se, contínua e inevitavelmente, a idade de contrair matrimônio do operário. Há um quarto de século, um operário podia casar-se dos vinte e dois aos vinte e cinco anos. Hoje em dia, o proletariado não pode estabelecer um lar antes dos trinta anos, aproximadamente<sup>7</sup>. Além disso, quanto mais desenvolvidas estão as necessidades culturais entre os operários, mais valor concedem à possibilidade de seguir o ritmo na vida cultural, de ir ao teatro, de assistir conferências, ler jornais, consagrar o tempo que o trabalho não consome à luta sindical, à política, a uma atividade pela qual sentem atração, à arte, à leitura, etc.

Tudo isto contribui para que o operário contraia matrimônio com maior idade. Entretanto as necessidades fisiológicas não levam em conta o estado do bolso. São necessidades vitais das quais não se pode prescindir e o operário solteiro, tanto quanto o burguês solteiro, resolve seu problema na prostituição. Este fato é um sintoma

<sup>7</sup> Este ensaio foi escrito em 1918

da adaptação passiva da classe operária às condições desfavoráveis de existência. E, por causa do nível bastante baixo dos salários, a família operária vê-se obrigada a resolver o problema do nascimento dos filhos do mesmo modo que as famílias burguesas.

A freqüência dos infanticídios e o desenvolvimento da prostituição são fatos que podem classificar-se dentro de uma só ordem. Ambos são meios de adaptação passiva do operário à espantosa realidade que o cerca. Mas, o que não se pode esquecer é que nesse processo não há nada que caracterize, propriamente, o proletariado. Essa adaptação passiva é própria de todas as classes sociais envolvidas pela evolução mundial do capitalismo.

A linha de diferenciação começa, precisamente, quando entram em jogo os princípios ativos e criadores. A delimitação começa onde já não se trata de uma adaptação, mas de uma reação à realidade que oprime. Começa onde nascem e se expressam novos ideais, onde surgem tímidas tentativas de relações sexuais dotadas de um espírito novo. Ainda mais: devemos assinalar que o processo de reação se inicia, unicamente, entre a classe operária.

Isto não quer dizer, de modo algum, que as outras classes e camadas da sociedade, principalmente a dos intelectuais burgueses que, pelas condições de sua existência social, se encontra mais próxima da classe operária, não se apoderem dos elementos novos que o proletariado cria e desenvolve. A burguesia, impulsionada pelo desejo instintivo de injetar vida nova às suas formas agonizantes, e diante da impotência de suas diversas formas de relações sexuais, aprende rapidamente novas formas com a classe operária. Mas, desgraçadamente, nem os ideais

nem o código da moral sexual, elaborados gradativamente pelo proletariado, correspondem à moral das exigências burguesas de classe. Portanto, enquanto a moral sexual, nascida das necessidades da classe operária, converte-se para ela num instrumento novo da luta social, os modernismos de segunda mão que dessa moral extrai a burguesia, não fazem mais do que destruir, definitivamente, as bases de sua superioridade social.

A tentativa dos intelectuais burgueses de substituir o matrimônio indissolúvel pelos laços mais livres, mais facilmente desligáveis do matrimônio civil, atinge as bases da estabilidade social da burguesia, bases que não podem ser outras senão a família monogâmica baseada no conceito da propriedade.

Na classe operária, sucede tudo ao contrário. A maior liberdade na união entre os sexos condiz, totalmente, com as suas tarefas históricas fundamentais. E até podemos dizer que derivam diretamente dessas tarefas. O mesmo sucede com a negação do conceito de subordinação, no matrimônio, rompendo os últimos laços artificiais da família burguesa. O contrário acontece, na classe proletária. O fator de subordinação de um membro desta classe social a um outro é o mesmo que o conceito de proletariado. Não convém, de modo algum, aos interesses da classe revolucionária atar um de seus membros, visto que cada um de seus representantes, independentes diante de tudo, tem a incumbência e o dever de servir aos interesses de sua classe e não aos de uma célula familiar isolada. O dever do membro da sociedade proletária é antes de tudo contribuir para o triunfo dos interesses de sua classe, por exemplo, atuar nas greves e participar em todo

o momento da luta. A moral com que a classe trabalhadora julga todos estes atos caracteriza com perfeita clareza a base da nova moral.

Suponhamos que um reputado financista, movido unicamente por seus interesses familiares, retire dos negócios seu capital, num momento crítico para a empresa. Sua ação, avaliada do ponto de vista da moral burguesa não pode ser mais evidente, porque os interesses da família devem estar em primeiro lugar. Comparemos agora este ato com a atitude dos operários diante do fura-greves, que retorna ao trabalho durante o conflito, para que sua família não passe fome. Os interesses da classe figuram em primeiro lugar, neste exemplo. Referimo-nos agora a um marido burguês que conseguiu, por amor e devoção à família, manter afastada a mulher de seus interesses, à exceção dos deveres de dona de casa e de mulher dedicada completamente aos cuidados dos filhos. O julgamento da sociedade burguesa será: um marido ideal que soube criar uma família ideal. Mas, qual seria a atitude dos operários para um membro consciente de sua classe que tentasse manter sua mulher afastada da luta social? A moral da classe exige, a custo inclusive da felicidade individual, a custo da família, a participação da mulher na luta pela vida que transcorre fora dos muros de seu lar. Manter a mulher em casa, colocar em primeiro lugar os interesses familiares, propagar a idéia dos direitos de propriedade absoluta de um esposo sobre sua mulher, são atos que violam o princípio fundamental da ideologia da classe operária, que destróem a solidariedade e o companheirismo, que rompem a união de todo o proletariado. O conceito de posse de uma personalidade

sobre a outra, a idéia de subordinação e de desigualdade dos membros de uma só e mesma classe, são conceitos que contrariam a essência do conceito de camaradagem, que é o princípio mais fundamental do proletariado. Este princípio básico da ideologia da classe ascendente é o que dá colorido e determina o novo código em formação da moral sexual do proletário, pelo qual se transforma a psicologia da humanidade, chegando a adquirir uma acumulação de sentimentos de solidariedade e de liberdade, ao invés do conceito de propriedade: uma acumulação de companheirismo ao invés dos conceitos de desigualdade e de subordinação.

Toda classe ascendente, nascida como conseqüência de uma cultura material distinta daquela que a antecedeu no grau anterior da evolução econômica, enriquece toda a humanidade com uma nova ideologia que lhe é característica. Esta afirmativa corresponde a uma velha verdade. O código da moral sexual constitui parte integrante da nova ideologia. Portanto, basta pronunciar as expressões ética proletária e moral proletária, para escapar da trivial argumentação: a moral sexual proletária não é no fundo mais do que uma superestrutura. Enquanto não se experimenta a total transformação da base econômica, não pode haver lugar para ela. Como se uma ideologia, seja qual for o seu gênero, não se formasse até que se produzisse a transformação das relações econômico-sociais necessárias para assegurar o domínio da classe que a gerou! A experiência da história ensina que a ideologia de um grupo social e, conseqüentemente, a moral sexual se elaboram durante o próprio processo da luta contra as forças sociais que se lhe opõem.

A classe revolucionária só pode fortalecer suas posições sociais com a ajuda de novos valores espirituais tirados de seu próprio seio e que correspondam totalmente às suas tarefas de força em ascensão. Só mediante novas normas e ideais pode esta classe arrebatá-lo o poder dos grupos sociais opostos.

A tarefa que corresponde, portanto, aos ideólogos da classe operária é buscar o critério moral fundamental, produto dos interesses específicos da classe operária, e harmonizar com este critério as nascentes normas sexuais.

Já é hora de compreender que, unicamente depois de haver ensaiado o processo criador que se realiza mais embaixo, nas profundas camadas sociais, processo que engendra necessidades novas, novos ideais e formas, será possível visualizar o caminho, no caos contraditório das relações sexuais e desemaranhar a embaraçada meada do problema sexual.

Devemos recordar que o código da moral sexual, em harmonia com as tarefas fundamentais da classe, pode converter-se em poderoso instrumento, que reforce a posição de combate da classe revolucionária. Por que não utilizar este instrumento no interesse da classe operária, em sua luta para o estabelecimento do regime comunista e, por sua vez, também, estabelecer relações novas entre os sexos, que sejam mais perfeitas e felizes?